**TERRITORIALIDADES DO PROJETO DE ASSENTAMENTO
DOIS DE JUNHO, OLHOS D'ÁGUA-MG-BRASIL****TERRITORIALITIES OF THE SETTLEMENT PROJECT TWO
OF JUNE, OLHOS D'ÁGUA-MG-BRAZIL****Suzana Grazielle de Souza¹****Ângela Fagna Gomes²****RESUMO**

A luta pela terra não é uma estratégia recente na história do Brasil, há muito tempo os camponeses sem terra ocupam terras como maneira de conquistá-la, o mesmo acontecendo, com certa frequência, no Norte de Minas Gerais. O objetivo do artigo é apresentar as múltiplas dimensões das territorialidades estabelecidas na luta pela conquista da terra e as estratégias de permanência dos assentados no Projeto de Assentamento Dois de Junho, Olhos D'água-MG-Brasil. Para execução da pesquisa os procedimentos metodológicos basearam-se em estudos bibliográficos, pesquisa direta através de trabalho de campo, registros fotográficos, participação nas reuniões da associação, conversas informais com os assentados e entrevistas semi

¹ Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (2006) e mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (2019). Doutorado em andamento na Universidade Federal de Uberlândia. suzanagrazielle10@gmail.com

² Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (2007), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2011) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2013). Atualmente é professora adjunta do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia IG/UFU. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional - GEPAR/UFAL -Campus do Sertão. Integrante do Laboratório GeoRedes - GEA/UNB. Pesquisadora do Grupo Sociedade e Cultura - PPGEO/UFS. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco - OPARÁ- MUTUM/Unimontes. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: território, tradição, religião, turismo, comunidades tradicionais, identidades, rio São Francisco. angela fagna@gmail.com

estruturadas. O referencial teórico apoiou-se nos conceitos de território e territorialidades por entender que o território de um assentamento rural envolve uma multiplicidade de manifestações, sendo um espaço dinâmico e plural permeado por relações de poder, mas sobretudo por territorialidades. No PA Dois de Junho, constituíram-se territorialidades tanto ligadas às práticas funcionais, quanto simbólicas. As territorialidades relacionadas às práticas funcionais são expressas pela organização interna dos assentados, a maneira como eles estabelecem os espaços produtivos, as formas de produzir, as relações de trabalho individuais ou coletivas, a comercialização e os organismos internos de representação e solicitação de auxílios como a Associação PA Dois de Junho. Já as territorialidades simbólicas estão relacionadas ao espaço vivido, as experiências e as estratégias de apropriação do território comum, as experiências cotidianas, a valorização da luta, a representatividade da conquista da terra e as práticas culturais expressas nas celebrações e festejos.

PALAVRAS-CHAVE: Territorialidades; Assentamento; Norte de Minas; Luta.

ABSTRACT

The struggle for land is not a recent strategy in the history of Brazil, for a long time landless peasants have occupied land as a way to conquer it, the same happening, with some frequency, in the north of Minas Gerais. The objective of the article is to present the multiple dimensions of the territorialities established in the struggle for the conquest of land and the strategies of permanence of the settlers in the Dois de Junho Settlement Project, Olhos D'água-MG-Brazil. To carry out the research, the methodological procedures were based on bibliographical studies, direct research through fieldwork, photographic records, participation in association meetings, informal conversations with settlers and semi-structured interviews. The theoretical framework was based on the concepts of territory and territorialities, understanding that the territory of a rural settlement involves a multiplicity of manifestations, being a dynamic and plural space permeated by power relations, but above all by territorialities. In PA Dois de Junho, territorialities were constituted both linked to functional and symbolic practices. The territorialities related to the functional practices are expressed by the internal organization of the settlers, the way they establish the productive spaces, the ways of producing, the individual or collective work relations, the commercialization and the internal organisms of representation and request of aid as the Association PA Dois de Junho. The symbolic territorialities are related to the lived space, the experiences and strategies of

appropriation of the common territory, the daily experiences, the valorization of the fight, the representativeness of the conquest of the land and the cultural practices expressed in the celebrations and festivities.

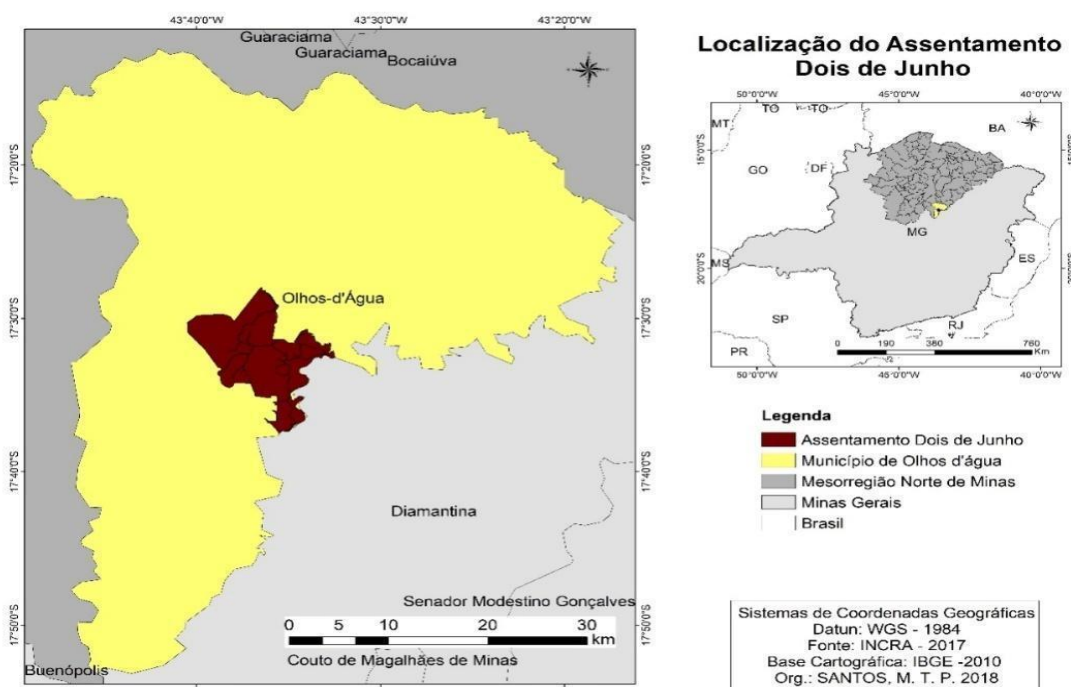
KEYWORDS: Territorialities. Settlement. North Mines. Fight.



INTRODUÇÃO

A Área pesquisada encontra-se regionalmente inserida na bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha, distante 94 km da cidade de Montes Claros e localiza-se no município de Olhos D'Água (mapa 01), aproximadamente 12 km da sede administrativa do município, o acesso é facilitado pela BR 451.

Mapa 01: Localização do PA Dois de Junho



Fonte: INCRA, 2017.
 Org.: Autor, 2018.

O processo histórico de criação do PA Dois de Junho iniciou em 1999, quando 17 famílias que prestavam serviços em uma fazenda denominada Rocinha, reivindicaram a posse da terra. Os trabalhadores que territorializaram tal área tinham vinculação direta com as fazendas de gado da região sendo, a grande maioria, vaqueiros, agregados e camaradas que prestavam serviços para os fazendeiros. A primeira ocupação ocorreu no dia Dois de Junho de 1999, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bocaiúva (STR).

Em 2000, o PA Dois de Junho já contava com a organização política das famílias, os demais trabalhadores que ali chegaram juntaram-se aos posseiros da fazenda e passaram a reivindicar a posse da terra, constituindo um novo processo de territorialização. Em 2003 esses trabalhadores se uniram novamente resistindo na terra de trabalho, evidenciando o processo constante de luta entre as lógicas distintas de apropriação do território.

De acordo com informações do PDA do Assentamento Dois de Junho (2007), o decreto de desapropriação das terras da antiga fazenda Rocinha ocorreu em 10 de março de 2005. Daí em diante o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) aproximou-se das famílias e passou a prestar assistência por meio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) para elaboração do Plano de Desenvolvimento de Assentamento (PDA). A emissão da posse ocorreu em novembro de 2005, a partir de então o INCRA intensificou suas ações em parceria com os assentados para a elaboração do PDA, que contou com uma equipe multidisciplinar da EMATER-MG, INCRA e da Assessoria Técnica Socioambiental (ATES), sendo o primeiro o responsável pela elaboração, o segundo o empreendedor do projeto e, ao último, coube a tarefa de acompanhamento e a implantação do PDA.

Posteriormente, em 07 de dezembro de 2005, houve o decreto de criação do PA Dois de Junho. Atualmente a área total do assentamento é de 10.062 hectares e abriga cerca de 100 famílias, das quais 72 são legalizadas, ocupando em média 50 a 70 hectares por unidade familiar. A obtenção do imóvel foi via desapropriação por interesse social para fins de reforma agrária. As demais famílias ainda estão aguardando a conclusão do processo de regularização fundiária junto ao INCRA.

A opção pelo conceito de território adotado nesta pesquisa deve-se às especificidades do objeto de estudo. Os assentamentos rurais representam territórios permeados por disputas, lutas, conflitos, mas, sobretudo, por territorialidades. A concepção de territorialidades refere-se a um território engendrado por relações sociais, políticas e culturais que comportam aspectos do tangível e intangível, do concreto e abstrato, (HAESBAERT, 2005).

Assim, esta pesquisa apoia-se no entendimento do território como categoria principal para compreender o processo de luta pela terra no PA Dois de Junho, ressaltando a importância simbólica que a conquista pelo território em disputa representa para os assentados. O território do assentamento é formado a partir da materialização da luta pelo acesso à terra e, posteriormente, pela permanência dos assentados, engendrando processos de territorialidades que comportam elementos de ordem material e imaterial, dialeticamente entre si.

De acordo com Haesbaert (2005, p. 6775) a característica fundamental do território é a historicidade. As relações estabelecidas em um território mudam com o passar do tempo, o território adquire novas significações, segue ao longo de “um continuum que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional” à

apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica”. Logo, o território pode ser material e imaterial, a depender das relações nele estabelecidas. O território de um assentamento rural se constitui a partir de processos históricos e relacionais, são as relações sociais desenvolvidas em um determinado espaço ao longo do tempo histórico, que o qualifica como um território.

Neste sentido, o objetivo do artigo é apresentar as múltiplas dimensões das territorialidades estabelecidas na luta pela conquista da terra e as estratégias de permanência dos assentados no Projeto de Assentamento Dois de Junho, Olhos D’água-MG-Brasil.

Os territórios dos assentamentos se constituem por diversos embates e interesses, logo, por distintas territorialidades, que se conformam, se confrontam, sobrepõem e se modificam nos diferentes tempos e espaços. O território de um assentamento rural envolve uma multiplicidade de manifestações sendo um espaço dinâmico e plural permeado por relações de poder, mas sobretudo por territorialidades. O espaço conquistado e produzido pela apropriação funcional e simbólica é transformado em território. Segundo Haesbaert (2005) a territorialidade, além de congregar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois, está intimamente ligada a maneira como as pessoas utilizam a terra, como elas se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.

Para Saquet (2010) o território é forjado no momento de sua apropriação pelos atores sociais, que passam a utilizá-lo de variadas formas, sendo o território produto e condição para a territorialização de cada indivíduo que produzirá seu território e suas territorialidades em consonância com suas experiências e intencionalidades, construindo assim o seu cotidiano de vida.

Com a conquista da terra os assentados organizam novas relações sociais de vida e de trabalho. As territorialidades são estabelecidas em função do “vivido territorial”. Um território que “(...) não tem o seu significado apenas na materialidade visível e no que é mensurável, e sim no conjunto de relações que pode manter com outros elementos da vida social.” (ALMEIDA, 2009, p.186). As territorialidades dos assentados se formam para além das relações de poder [...] “elas adquirem um valor bem particular, pois, reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos homens e pelas sociedades, em geral.” (RAFFESTIN, 2011, p. 142). A territorialidade efetiva-se em todas as relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às relações

sociais cotidianas em trama, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural-agrário e nas relações urbano-rural, (SAQUET, 2010, p. 90).

As territorialidades dos assentados do PA Dois de Junho se formam por meio dos vínculos e das relações sociais, políticas, econômicas e culturais que os assentados estabelecem entre eles e o espaço no qual estão inseridos. Nos tópicos seguintes destaca-se os processos de territorialização e as territorialidades presentes no PA Dois de Junho: i) a terra de trabalho e as estruturas produtivas, expressas nas formas de plantio, colheita, processamento e comercialização dos produtos, permeadas por saberes e fazeres, destacando os aspectos de ordem econômica, social e cultural; ii) os espaços comunitários, representados pela sede da Associação do PA Dois de Junho, Escola Municipal João Eduardo Pereira e a Igreja Católica, destacando seus papéis enquanto representatividade política e locais de expressão da cultura e da identidade local, especialmente nas festas de Nossa Senhora Aparecida e de aniversário de criação do assentamento. Tais elementos evidenciam as cotidianidades dos assentados, ou seja, suas territorialidades.

TERRA DE TRABALHO E ESTRUTURA PRODUTIVA PA DOIS DE JUNHO

A terra de trabalho conquistada a “duras penas” por homens e mulheres que saíram em defesa do direito de construir um território de referência para si e para seus descendentes, não só para as relações de trabalho, mas também na busca por novas relações socioculturais. Território onde desembocam práticas materiais do uso, formas de organização e de produção do espaço e as representações simbólicas. Esses trabalhadores resistiram ao preconceito e estabeleceram novas relações internas e externas:

(...) a verdade é que hoje a gente dá muito certo com o pessoal da cidade, quando eu chego em Olhos D'Água o pessoal pergunta moço que foi que você sumiu? Falo com eles, eu tenho tempo para andar não, tem tempo para andar não, que lá em casa eu tenho muito serviço, que nem eu falo com eles lá em casa é só eu e Deus, daí eles brincam porque tá sozinho moço? falo com eles tô sozinho não, tá eu, Deus e minha coragem para o trabalho. (Risos) (Assentado 1. Entrevista realizada dia 02 de junho/2019).

Os trabalhadores do PA Dois de Junho concebem a terra e o trabalho como algo indissociável, só há legitimidade na terra a partir do trabalho, “(...) *Eu fui nascido e criado dentro da Roça, eu quero a terra para mim produzir e trabalhar nela, se você*

tem a terra você tem que trabalhar nela não é verdade". (Assentado 1. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019). *"(...) A gente queria a terra para trabalhar aí hoje, graças a Deus nós estamos aqui dentro dessas terras, planto de tudo, milho, feijão, mandioca, árvores frutíferas, tem muita coisa, tudo vem da terra*". (Assentada 4. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019). *"(...) Ter um pedaço de terra para trabalhar que é seu é ter a liberdade de plantar o que você quiser, plantar feijão, milho e mandioca, planto de tudo um pouco*". (Assentado 8. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

A representatividade da conquista da terra para os assentados do PA Dois de Junho vai além de apenas prover o sustento da família, com acesso à terra os assentados conquistaram respeito, autonomia, liberdade e dignidade. *"(...) Depois que conseguimos essas terras a vida nossa ficou bem melhor dá para criar porco, galinha e algumas cabeças de gado, não é muita não, mas ajuda na hora da precisão*". (Assentado 4. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

(...) Com a terra minha filha eu faço muita coisa, muita coisa mesmo, hoje eu tenho aqui formado laranjeira, abacaxi, mandioca, milho, feijão tudo da terra, alguns dos meus filhos mora na cidade e fala para mim pai o senhor não precisa mais trabalhar tanto, falo com eles trabalho porque gosto e vivo disso, isso aqui é vida é liberdade se quero chupar uma manga, uma laranja ou um abacaxi eu tenho! Tenho tudo! tudo sem trinca e sem veneno. (Assentado 1. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

Para nós foi muito bom, conseguir essas terra para trabalhar e é bom também pelo tanto de gente que hoje mora no assentamento, antes a gente tinha que ir atrás de terra para trabalhar, hoje não, na hora que eu quiser fazer a minha roça aí no fundo de casa eu faço, os meninos também faz. (Assentado 5. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

Para os entrevistados a conquista da terra não é meramente uma questão econômica, significa melhoria de vida e autonomia. Em relação aos assentados que "participaram" da luta e os que "não participaram" os assentados relataram que não há diferença "todos defendem a mesma coisa" "todos valorizam à terra". *"As pessoas mesmo que veio depois o vínculo deles não tem diferença, eles vieram da terra e foi para terra então o conhecimento de sentir o gostar de tá lá dentro e ficar não tem diferença*". (Assentado 1. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

A verdade é que das 14 famílias da luta se tiver muito é 6 ou 7 os outros desistiram, não vejo diferença dos que chegaram depois, todos defende a mesma coisa, todos reconhece e valoriza a importância da terra, pelo gostar e ver o que a terra tem a oferecer, porque é dela que sai tudo. (Assentada 4. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

Para os assentados a terra traduz afetos “o sentir, o gostar de tá lá dentro”, ela é um elemento da natureza, um “Dom de Deus”, portanto, precisa ser respeitada, ela fornece aos homens meios para continuar existindo e se reproduzirem socialmente. Brandão (1999, p. 63) revela a complexidade do humano com o mundo natural ao questionar um pesquisado porque trabalhar na terra, o mesmo respondeu: “é que eu sou muito amoroso com a terra, eu tenho um grande afeto por ela”. Os assentados do PA Dois de Junho demonstram “afeto” com os elementos da natureza, pela forma como se apropriam dos rios, animais, plantas e em todas as suas relações cotidianas.

Woortmann (1990) compreende que a terra é considerada um patrimônio da família, porque agregado à terra existe o valor ético do trabalho realizado pela família, o que expressa uma moralidade. Woortmann e Woortmann (1997) apontam que o trabalho com a terra, além de ser um encadeamento de ações técnicas, é também um encadeamento de ações simbólicas, ou seja, um processo ritual. Além de produzir cultivos, o trabalho produz cultura. Segundo Brandão (2009) a convivência no trabalho compreende atos práticos e gestos simbólicos quando um lavrador, junto com seu filho, prepara à terra ele não está produzindo somente o alimento necessário a sua sobrevivência e de seus familiares, sobretudo, é um momento de convivência e ensinamentos.

O trabalho no PA Dois de Junho é realizado de forma extensiva sem a utilização de mão de obra externa, o cultivo é garantido apenas com a força do trabalho da família, sendo o núcleo fundante da produção camponesa.

(...) Aqui em casa todo mundo trabalha, eu meu esposo, os meninos também dão uma mãozinha, a gente nunca paga ninguém para ajudar no preparo da terra, antes de plantar é preciso retirar o mato, meu marido utiliza o arado para arar a terra, faz a gradagem da terra, plantamos tudo, feijão, milho, mandioca a enxada serve para limpar a roça, retirar os matos que crescem em meio às plantações. Desde o plantio até a colheita todo trabalho é a gente mesmo que faz. (Assentada 9. Entrevista realizada no dia 29/07/2019).

O PA Dois de Junho converge em saberes locais com o conhecimento adquirido ao longo do tempo, é um misto de tradição e modernidade. As limitações tecnológicas e a carência de assistência técnica faz com que os trabalhadores explorem apenas uma parte dos lotes em função da forma como eles trabalham, uso da força manual, animais de tração e o uso de ferramentas como foice, enxada e máquinas agrícolas.

A diferença entre arar e gradear a terra é que a aração consiste em quebrar a camada compactada do solo, já a gradagem quebra os torrões causados pela aração este tipo de preparo da terra é mais adequado que os realizados pelos tratores, pois, o arado

“mistura” as camadas orgânicas do solo, formado, por folhas, restos de pastagens e de plantas, “o trator é mais pesado não faz à terra, direito”. (Assentada 4. Entrevista realizada no dia 29/07/2019).

Na divisão do trabalho, os homens dedicam-se ao trabalho mais pesado como plantar milho, feijão e as mulheres se ocupam com trabalhos considerados mais “leve” como fabricar farinha, queijos, requeijões, doces, biscoitos e rapadura. “Falar a verdade, para você se apertar, faço de tudo. Se precisar fazer roça eu faço, faço de tudo um pouco, aqui no assentamento tem muita mulher boa serviço mais até que muitos homens”. (Assentada 4. Entrevista realizada no dia 29/07/2019).

Em seus diversos estudos sobre contextos rurais brasileiros, Paulilo (1987) verificou nas famílias camponesas a existência de categorias consideradas como trabalho “leve” e trabalho “pesado”. A autora coloca que o trabalho “leve” está sempre relacionado a tarefas realizadas por mulheres e crianças, enquanto o que é considerado trabalho “pesado” é de restrita incumbência masculina. No entanto, ela mostra que aquilo que é considerado trabalho “pesado” e de responsabilidade masculina em um lugar pode ser considerado trabalho “leve” quando atribuído a mulheres e crianças, essa compreensão geralmente ocorre de forma diferenciada quando se trata de regiões.

Em alguns casos, os trabalhadores do PA Dois de Junho mantêm trabalho assalariado na cidade de Olhos D’Água, outros trabalham para empresas de reflorestamento Gerdau e Plantar, desta forma deixam de trabalhar em seu próprio terreno, tanto no cultivo quanto no criatório. Quanto ao trabalho desempenhado pelas mulheres, a maioria delas dedica-se à manutenção do lar, cultivo de horta e criação de animais de pequeno porte. Outras possuem emprego remunerado na Escola Municipal João Eduardo Pereira ou no posto de saúde do projeto de assentamento. Existem ainda algumas assentadas que deslocam diariamente para o município de Olhos D’Água distante, vinte e três quilômetros do PA Dois de Junho, para trabalharem na prefeitura ou no comércio local. Enquanto as mulheres trabalham fora, os maridos permanecem trabalhando na terra, cuidando do gado e cultivando a terra. O equilíbrio entre assalariamento e autonomia, garante a permanência de seus modos de vida.

O trabalho no PA é realizado de forma individual em cada lote, sendo comum também a troca de dias de trabalho, como explica a moradora “(...) às vezes cada um faz o seu, há também muita troca do dia de serviço hoje vem para mim amanhã vai para outra pessoa”. (Assentada 9. Entrevista realizada no dia 29/07/2019).

A troca de dias de serviço conservam as formas de sociabilidade do espaço rural, essa forma de trabalho é muito utilizada no plantio e na produção da mandioca, pois, a atividade requer a participação de várias pessoas do assentamento, principalmente parentes, compadres, amigos e vizinhos, que partilham da troca de trabalho, isto ocorre quando um assentado ajuda o outro com a expectativa da retribuição do trabalho em atividade semelhante. Identificamos que a casa da farinha representa necessariamente um ambiente de solidariedade e vínculos sociais entre os assentados, como descreve a assentada 4:

(...) É muito trabalhoso, fazer a farinha, mas quando junta todo mundo você nem vê a hora passar, a produção da farinha demanda muito tempo não faz em um dia só, às vezes como tem algumas famílias que são muito grande, mora tudo junto ou perto as casas uma das outras, faz um mutirão se juntam nora, genro, vizinho um amigo, um compadre e na outra semana eles vão para o outro. (Assentada 4. Entrevista realizada no dia 29/07/2019).

Mutirão é uma forma de cooperação para realizar uma atividade em benefício individual ou coletivo. O mutirão é um acontecimento simbólico através da união de um grupo de trabalhadores na ajuda a um vizinho que se encontra impossibilitado de executar em tempo as atividades necessárias que garanta a sua sobrevivência e de sua família. Nessa prática, prevalece o compromisso moral de reciprocidade e não a remuneração pelo trabalho. A troca de dias de serviço é uma forma de ajuda mútua tradicional, por meio da qual auxilia o outro; nesse caso, o beneficiado fica devendo a força de trabalho similar à recebida (CARVALHO, 1998). O trabalho coletivo no assentamento se faz com o envolvimento desses trabalhadores em um gesto de confiabilidade, reciprocidade o que contribui para preservar os laços culturais.

O cultivo da mandioca é muito comum no PA Dois de Junho (foto 01) por ser um ingrediente importante na alimentação dos assentados, tanto para consumo in natura como na produção de farinha e outros derivados como a goma e o beijú. A produção acontece de forma comunitária nas casas de farinha que contam apenas com equipamentos manuais como o ralador e a prensa (foto 02).

Foto 01: Cultivo de mandioca PA Dois de Junho

Foto 02: Casa da farinha PA Dois de Junho



Fonte: Autor, 2022.



Fonte: Autor, 2022

A época de maior trabalho no assentamento é entre os meses de setembro a março, quando as principais culturas são plantadas e colhidas. Nos demais meses do ano, abril a agosto, as famílias dedicam a limpeza do lote e a outros cultivos.

O quintal é um espaço dinâmico, com diversas árvores frutíferas, leguminosas e medicinais. Nesse espaço encontra-se grande parte dos alimentos que são consumidos no dia a dia dos assentados, cabe destacar ainda a participação da mulher como a principal colaboradora na composição e diversidade de plantas que compõem essa paisagem. O quintal é a extensão da casa, é nele que se combinam os elementos de acesso imediato para a reprodução do campesinato. É o espaço da coletividade, dos recursos disponíveis para as famílias camponesas. Ele é pomar, farmácia, canteiro, dispensa, poleiro, cozinha, entre outros equipamentos, cujas famílias têm obrigação moral de mantê-lo funcionando, em uma equivalência de uso, entre iguais, pois, também, auxilia a reprodução (MOTTA SANTOS, 1986).

A diversificação agrícola é um aspecto marcante no PA Dois de Junho, estimulada desde o início de sua formação, essa prática além de ser oposta à monocultura, constitui estratégias simples e baratas de evitar a proliferação de insetos.

Os assentados realizam os cultivos com base nos princípios agroecológicos, livre de agrotóxicos, conciliando saberes populares com o potencial do agrossistema local (PEDROSA, 2016). Os principais produtos cultivados no PA Dois de Junho são: feijão, milho, banana, mandioca, abacaxi, laranja, e hortaliças que são consorciadas com outras culturas, o que assegura diversidade, renda, segurança alimentar e boa produtividade. Além disso, "a terra é muito boa, e as plantas crescem rápido". (Assentado 5. Entrevista realizada no dia 29/07/2019).

São reconhecidos três ambientes com intenso manejo pelos moradores "manga", "roça" e "quintal". O primeiro nome se refere às áreas de pastagem. As roças, evidentemente, são as terras destinadas aos cultivos agrícolas, milho, feijão, mandioca,

abóbora. Os quintais são espaços em torno das residências, que reúnem uma diversidade de plantas. Boa parte dos assentados utilizam o sistema de irrigação nas roças e nos quintais de suas residências (fotos 03 e 04), o que possibilita maior produtividade e ganho financeiro.

Fotos 03 e 04: Sistema de irrigação no PA Dois de Junho



Fonte: Autor, 2022

A comercialização dos produtos produzidos no PA Dois de Junho se dá na feira da cidade de Olhos D'Água que acontece regularmente às sextas-feiras. A prefeitura disponibiliza o deslocamento de ônibus ou caminhão para o transporte gratuito dos feirantes do PA Dois de Junho, eles ainda aproveitam o dia da feira para acessarem serviços que só podem ser encontrados no centro urbano, principalmente hospital, farmácia e a prefeitura.

A feira acontece toda semana às sexta-feira, você tem que levantar 4:00 ou 4:30 da manhã para arrumar as coisas para levar porque senão o caminhão chega e aí não dá tempo(...) é muito bom participar da feira porque você vende os produtos e aproveita resolve as coisas que tem para resolver na cidade e também compra aquilo que você precisa, que não tem aqui. (Assentada 4. Entrevista realizada em agosto de 2019).

A feira representa um espaço de grande importância para reprodução da condição camponesa, ao comercializarem os produtos os trabalhadores feirantes estão reproduzindo os seus modos de vida e seus conhecimentos, seus saberes e sua cultura. De acordo com Vedana (2013) as feiras são providas de trocas de saberes e experiências, além das representações simbólicas que ensejam devido à forma como esses produtos são apresentados e comercializados. Santos (2013) afirma que as feiras envolvem significativos fluxos de mercadorias, pessoas e informações, integrando áreas rurais e pequenas, médias e grandes cidades, manifestando uma atividade, ainda hoje, importante para muitos sujeitos urbanos e rurais.

A feira reflete a capacidade de resistência e de adaptação dos camponeses aos novos contextos socioeconômicos, permitindo formas de relações pautadas pela confiabilidade e reciprocidade. Marcel Mauss (2003) analisou a importância das formas de trocas nas sociedades arcaicas, as quais não implicavam somente em trocas materiais, e que o valor das mercadorias não eram superior ao valor simbólico, uma vez que a vida social não é somente a circulação de bens, mas também de pessoas, normas, palavras, festas. Dessa maneira, observa-se que a importância não está nos bens que são trocados na feira, mas no ato de reciprocidade, num constante dar, receber e retribuir. Sendo assim, as relações de interação patrocinadas pela feira, mais do que um compartilhamento de símbolos, representam situações de trocas materiais e simbólicas.

A feira é importante não apenas pela relevância econômica, mas sobretudo, pelo ambiente social que ela representa. No PA Dois de Junho homens e mulheres levam os produtos para serem comercializados na feira:

Tem vez que vai só o homem outra vez vai só a mulher às vezes vai os dois isso é muito controlado. A feira é um momento que a gente tem para vender nossos produtos e enquanto a pessoa tá ali vendendo os produtos, na hora que está mais tranquilo você aproveita tá conversando com os colegas com os fregueses trocando uma ideia com as outras pessoas que também produzem e tá lá na feira, tudo é balanceado. (Assentada 9. Entrevista realizada em agosto de 2019).

A feira é um espaço de encontro com os amigos onde eles trocam informações, saberes e experiências, além de ser um locus da reprodução da cultura e da manutenção de um modo de vida, a feira é um espaço de convivências e de múltiplas territorialidades econômicas, sociais e culturais. Apesar do bom movimento da feira, os assentados relatam a dificuldade em vender todos os produtos:

A dificuldade que eu vejo é porque boa parte do povo de Olhos D'Água é da zona rural, tem muita gente, muito feirante, às vezes você investe muito e acaba não vendendo tudo o que produz, agora mesmo estamos levando as coisas para vender também em Bocaiuva. (Assentada 4. Entrevista realizada em agosto de 2019).

Verificou-se que os assentados do PA Dois de Junho não utilizam o atravessador para venda dos seus produtos, eles concentram mais na venda de hortaliças e frutas produzidas nos quintais das residências. Mais do que um simples ponto de trocas e comercialização de bens e serviços, a feira é um espaço plural onde existe sociabilidade e construção de territorialidades.

Quanto à sobra de produtos da feira, os assentados relataram que são levados de volta para suprir as necessidades da família ou são vendidos aos sábados no mercado Municipal de Bocaiúva, cidade que fica a 50 km de Olhos D'Água.

Os Assentados do PA Dois de Junho ainda vendem seus produtos porta-a-porta, no assentamento ou no dia da reunião da associação “*Às vezes as pessoas encomendam manteiga, mel, doces, ou requeijão daí levamos para reunião, não fica nada, sai tudo porque não é todo mundo que faz essas coisas*”. (Assentada 4. Entrevista realizada em agosto de 2019).

Os assentados ainda comercializam os produtos via Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003, trata-se de uma ação do Governo Federal que utiliza os mecanismos de comercialização que favorecem a aquisição direta de produtos de agricultores familiares ou de suas organizações. Os alimentos são adquiridos diretamente dos agricultores familiares, assentados da reforma agrária, comunidades indígenas entre outros e destinados à doação para entidades da rede socioassistencial.

Em 2009 a aprovação da Lei 11.947 determina que 30% do valor do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) devem ser utilizados na compra de alimentos da agricultura familiar; visa à formação de hábitos alimentares saudáveis, por meio da oferta da alimentação escolar. São atendidos pelo Programa os alunos da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e adultos) matriculados em escolas públicas, filantrópicas e em entidades comunitárias. Para participar do PNAE é preciso ter a Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP), documento exigido para acessar qualquer política pública voltada para o crédito e à comercialização.

De acordo com informações contidas no SEAD (2017), há no município Olhos D'Água 936 DAP e, dessas, 346 estavam ativas e 590 inativas. Com a falta deste documento, os assentados ficam impossibilitados de acessar as políticas públicas do governo federal como o PAA e o PNAE, além da dificuldade em transportar os alimentos.

Eu fiz a cota no PAA, mas não estou entregando por falta de transporte. A prefeitura prometeu levar os alimentos, já perdemos uma safra e agora outra. Se você ver o tamanho das folhas de couve, alface, a gente passa perto delas só de encostar já tá quebrando de tão mimosa que tá, é tudo natural, sem nada de produto químico, só mesmo o esterco, água e a terra.(Assentada 3. Entrevista realizada em Novembro de 2022).

A comercialização dos produtos na feira e via programas do Governo Federal são estratégicos de sobrevivência e permanência dos assentados no meio rural, com a venda dos produtos cultivados, eles podem adquirir outros, necessários à manutenção de sua vida, porém eles têm enfrentado muitas dificuldades, conforme relatos dos assentados.

A agricultura praticada no PA Dois de Junho é um “todo econômico” em que o excedente é comercializado com o objetivo de suprir as necessidades não conquistadas pelos cultivos na terra, além da agricultura os assentados criam alguns animais como suínos, aves e gado. O rebanho no PA Dois de Junho é numericamente reduzido, sendo criado de forma extensiva e funciona como uma espécie de poupança para ser usado em situações eventuais como: casamento, doença e falecimento “(...) *O problema é que a mulher gosta de gado para uma hora da doença, da precisão esse trem todo, a complicação toda é porque gado precisa de pasto, senão encontra eles sai e arrebenta tudo*”. (Assentado 2. Entrevista realizada no dia 29/07/2019).

A criação de suínos (foto 05) está presente em vários lotes, uns em maiores, outros em menores quantidades. Os suínos são criados confinados e a alimentação é à base de milho e sobras de alimentos domésticos. De acordo com os assentados, a produção destina-se para o consumo da família e a comercialização. Do toucinho é extraído o óleo de forma bastante artesanal, prevalecendo os conhecimentos herdados das gerações passadas, evidenciando os saberes tradicionais. O processo consiste em cortar o toucinho, colocar em grandes tachos e levar ao fogo para fritar durante algumas horas (foto 06). Após ser frito, o óleo é armazenado ainda quente em baldes ou latas para ser utilizado no preparo das refeições diárias dos assentados.

Foto 05: Criação de Suínos PA Dois de Junho



Fonte: Autor, 2019.

Foto 06: Preparo do toucinho



Fonte: Autor, 2019.

Fica evidente a herança e a tradição cultural presentes neste processo, preservando características significativas do grupo social. Os assentados buscam nas relações cotidianas expressar seus comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados pelos indivíduos ao longo de suas vidas (CLAVAL, 2001).

Os trabalhadores do PA Dois de junho trouxeram consigo estratégias de vínculos com o território a partir das formas individuais e coletivas de trabalho, técnicas produtivas e expressões culturais, todos esses fatores influenciam na constituição de novas territorialidades.

Espaços comunitários no PA Dois de Junho

A área comunitária do assentamento é composta pelo galpão da Associação do PA Dois de Junho, Escola Municipal João Eduardo Pereira e a Igreja Católica. A Associação PA Dois de Junho, criada em 2001, funciona em um galpão de ferramentas do antigo fazendeiro, este local é apropriado de diferentes formas pelos moradores do assentamento, nele acontecem os principais eventos como: a comemoração da festa de aniversário do PA e a festa de Nossa Senhora Aparecida. Além da realização de leilões, casamentos e batizados. O galpão da associação também é o espaço onde os assentados reúnem mensalmente na segunda **quarta-feira** de cada mês para participarem das reuniões da associação, opinando e questionando sobre as suas necessidades.

A Associação PA Dois de Junho foi criada com o objetivo de viabilizar economicamente o assentamento com a diversificação produtiva e promover a integração dos moradores nos espaços de socialização política e social do assentamento, agindo coletivamente na mobilização e resolução de questões de seu interesse.

A presença das associações expressam as territorialidades dos assentados, elas são criadas não só como uma “exigência” do Estado, dotando o assentamento de “personalidade jurídica”, mas sob várias perspectivas integram grupos de pessoas, orientam a organização do trabalho, integram o assentamento ao mercado, além de criar um espaço de representação política, ao mesmo tempo que conferem aos assentados uma identidade social. As associações, direta ou indiretamente, mediam as relações entre os assentados e outras entidades e/ou atores externos aos assentamentos (LEITE *et al.*, 2004).

As associações se envolvem nos mais diferentes aspectos do cotidiano dos assentados seja na interlocução “para fora”, com os diferentes agentes e instâncias

governamentais (na cobrança de escolas, postos de saúde, estradas, transportes, crédito), seja “para dentro” (organização da produção, do trabalho, comercialização) (LEITE, *et al.* 2004).

A associação é um importante mediador de diálogo entre os assentados e as instituições como o INCRA e a EMATER. A relação de proximidade com essas instituições e com os mediadores CPT e o STR diluiu-se ao longo tempo, conforme o assentamento foi se consolidando. A CPT e o STR se distanciaram devido às divergências e as novas relações de poder postas em prática:

(...) Até hoje a CPT é muito querida dentro do PA Dois de Junho, em todo aniversário do assentamento são os principais homenageados. (...) Quando começou a liberação dos recursos iniciou os atritos entre as lideranças, com isso, fomos afastando. Depois vieram o INCRA e a EMATER para parcelar a área, a gente foi deixando eles mais à vontade, por não falar a mesma língua, fomos distanciando, mas a gente torce para dá certo, nunca abandonamos o assentamento, mas as vezes este distanciamento é necessário, você fica feliz porque antes essas famílias eram exploradas pelo fazendeiro, só conseguiu melhorar de vida pelo acesso à terra, eles têm uma satisfação que falta colocar a gente no colo, porque nós ajudamos nessa conquista, você fica mais satisfeito ainda. (Presidente do Sindicato Rural de Bocaiúva. Entrevista realizada dia 22/02/2018).

No PA Dois de Junho às relações de poder entre assentados e entre estes e as instituições se manifestam de diferentes formas no espaço social, político, de trabalho e da família. Há disputas internas entre algumas lideranças e os demais assentados por espaços de representação e recursos financeiros.

(...) Antes a associação não tinha saldo em caixa, cada assentado pagava 10 reais de mensalidade, quando nós entramos baixamos esse valor para 5 reais, mas mesmo assim não é todo mundo que paga. Conseguimos fazer muita coisa, quitamos as dívidas, arrumamos o trator e tem saldo em caixa pra manter. (Assentada 4. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019)

A presença dos demais órgãos de apoio no PA Dois de Junho também foi ficando escassa com o passar do tempo. Conforme relato da então presidente da Associação PA Dois de junho:

O INCRA só aparece aqui, quando é para falar desses fomento, para fazer a lista, pegar documentação do pessoal mas nem reunião eles fazem, ano passado estiveram aqui para fazer vistoria nos lotes para liberar o título da terra, pensa você que a gente não dá sossego para eles, mas o INCRA é devagar mesmo(...) pior que eles vem promete fala que as coisas vão sair dentro de 30 a 60 dias e fica um ano ou mais, e o povo vem em cima da associação, o INCRA pega a documentação do pessoal, chega lá guarda tudo. Quando a gente liga para eles responde: que estava em outro assentamento, então não devia prometer! Eles vem anima o povo e depois some, mas eu acho

que o pessoal já até acostumou. (Assentada 4. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

A população do assentamento tem crescido consideravelmente, os filhos de assentados casaram e construíram casas no lote da família. O vice-Presidente da Associação PA Dois de Junho relata as dificuldades em manter a associação:

(...) É um pouco difícil manter a associação, tem hora que você esbarra em algumas questões, porque a comunidade é um pouco extensa e as pessoas querem um pouco mais do que você pode disponibilizar, o que acaba complicando, mas tá indo Graças a Deus aos poucos nós vamos levando. (Assentado 10. Entrevista realizada em junho de 2018).

A reunião da associação tem uma organização específica com pauta definida, realizada em horário diverso ao trabalho do cotidiano. Em 2022, cinco assentados do Dois de Junho concorreram ao cargo do legislativo municipal (quatro pelo MDB e um pelo PT), sendo que um deles foi eleito (Tone de Páscoa, MDB). O fato de possuir um representante no legislativo municipal facilita a mediação com o poder público municipal nas cobranças de melhorias nas escolas, posto de saúde, estradas e transportes.

Foto 07: Reunião da Associação do PA Dois de Junho



Fonte: Autor, 2022.

Na reunião da Associação PA Dois de Junho (foto 07) são discutidos assuntos internos do assentamento, escoamento e comercialização dos produtos, organização e realização de eventos, questões relacionadas a regularização dos lotes, questões ambientais, de cidadania, direitos das mulheres, etc.

Para além das reuniões rotineiras, os laços de afetividade e proximidade entre amigos, parentes e compadres são fundamentais na superação das dificuldades e resistência no território. Desde o início da formação do assentamento, a coletividade e a religiosidade são características marcantes no PA Dois de Junho, a festa que celebra

a conquista da terra, no dia 2 de Junho, e a festa da padroeira Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro, são os principais acontecimentos festivos do assentamento.

A festa que comemora a conquista da terra é realizada anualmente pelos assentados do PA Dois de Junho no galpão da Associação. A festa representa a continuidade dos ritos, dos símbolos e crenças é também um momento de valorização dos personagens que participaram do processo de luta pela terra no PA Dois de Junho como o antigo prefeito do município Olhos D'Água que auxiliou no transporte dos acampados, permitindo que os mesmos participassem de audiências realizada em Belo Horizonte com o ITER e o INCRA; além de representantes da CPT e do STR de Bocaiuva que também apoiaram a luta pela terra.

A festa é um momento de grande comoção e de renovar as esperanças e o desejo por mudanças, além de preservar a memória da luta e a celebração pela conquista da terra. “(...) *A festa é uma coisa sem palavras para descrever, tá aqui comemorando e relembrando as lutas com os meus colegas assentados, que estão aqui desde do início que passou as mesmas dificuldades, mas seguimos caminhando juntos*”. (Assentado 6. Entrevista realizada no dia 2 de junho de 2019).

É durante a festa que os assentados revivem suas tradições e as famílias se encontram, é no transcorrer da festa que os laços de amizade são firmados e as relações de reciprocidade afloram. Existe uma preocupação para que a história do projeto de assentamento seja preservada, mantendo aspectos culturais, valores e as tradições.

(...) temos que lutar para manter isso e depois os mais novo assumir e dá continuidade (...) É muito bom você celebrar, e lembrar tudo graças a Deus, hoje nós temos essa terra. Que nem eu falei com eles eu não tenho ganho nenhum, vivo do trabalho dos meus braços, mas dá para tirar uns 50 ou sem 100 reais por família para fazer um trem bonito, com muita fartura, comida e bebida, não vamos deixar a desejar do nosso lugar não, que o futuro melhor que nós temos é isso aí, o melhor que nós temos na vida é isso aí essa alegria de tá junto dinheiro nenhum paga não. (Assentado 1. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

Tanto os trabalhadores mais antigos, remanescentes da luta, como os demais trabalhadores que chegaram depois, lutam para manter as formas de sociabilização e de solidariedade, pautadas pelas relações simbólicas e afetivas de vizinhança e compadrio. A interatividade constitui aspecto importante de socialização e reconstrução social do assentamento. “(...) *Temos muita parceria e convivência, isso*

é muito bom para nós assentados”. (Assentada 4. Entrevista realizada no dia 2 de junho de 2019).

No PA Dois de Junho a religião predominante é a católica muitos moradores possui uma imagem de algum santo em casa ou até mesmo tem seus nomes derivados de alguma influência religiosa. Há também algumas famílias de evangélicos.

(...) daí o povo que tava mexendo com a festa veio com um negócio de religião, falei com eles religião tem nada a ver, cada um fica com a sua, se você é religioso e precisa dessa terra e você tá nela você também tem que contribuir, sobre religião ninguém muda as coisas, ninguém muda mesmo. (Assentado 1. Entrevista realizada dia 2 de junho de 2019).

De acordo com Raffestin (2011) a relação geradora do território e das territorialidades, em qualquer acepção sempre envolve relações de poder, às vezes menos abrangente, mas sempre presentes no jogo das relações, que mudam de conteúdo constantemente.

No dia 12 de outubro, na igreja Nossa Senhora Aparecida (foto 08), ocorrem as celebrações em homenagem à padroeira com missas, levantamento do mastro e procissão pelas ruas do assentamento.

Foto 08: Igreja Nossa Senhora Aparecida - PA Dois de Junho



Fonte: Autor, 2022.

O espaço sagrado é definido por Rosendahl (1999) como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele, no qual transcorre sua existência. Assim, os vínculos culturais e religiosos expressam as práticas e as vivências dos sujeitos com o seu território.

A festa religiosa de Nossa Senhora Aparecida e a festa de aniversário do PA Dois de Junho são essenciais para reforçar os laços de amizade e de pertencimento

desses moradores com o seu território. Essas manifestações expressam os vínculos religiosos e culturais vividos coletivamente pelos assentados e se configuram como importante elemento de resistência das tradições, das relações e dos laços de solidariedade e afetividade.

Um outro elemento importante de resistência e estratégia de permanência na terra no PA Dois de Junho foi a implantação da Escola Municipal João Eduardo Pereira, na antiga sede da fazenda (foto 09).

Foto 09: Escola M. João Eduardo Pereira - PA Dois de Junho



Fonte: Autor, 2022.

A escola iniciou as suas atividades no ano de 2000, antes da emissão da posse da terra que só ocorreu em 2005. Na época do acampamento foram feitos pedidos de reintegração de posse, porém, o despejo nunca se efetivou em função da existência da escola. A criação da escola fortaleceu o processo de luta pela terra, marcando historicamente a conquista da terra.

Assim, a apropriação funcional e simbólica do território do assentamento perpassa os espaços comunitários e as relações tempo/espaciais do PA Dois de Junho e expressam as múltiplas dimensões das territorialidades políticas, econômicas e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No PA Dois de Junho, constituíram-se territorialidades tanto ligadas às práticas funcionais, quanto simbólicas. As territorialidades relacionadas às práticas funcionais são expressas pela organização interna dos assentados, a maneira como eles

estabelecem os espaços produtivos, as formas de produzir, as relações de trabalho individuais ou coletivas e os organismos internos de representação como a Associação PA Dois de Junho. Tais territorialidades são estabelecidas por meio das relações de trabalho, unindo aqueles que possuem o mesmo ideal, as habilidades de plantar, colher e comercializar seus produtos e, ainda, as estratégias de associativismo visando a resolução de conflitos e acesso a créditos e benefícios advindos do Estado.

Já as territorialidades simbólicas estão relacionadas ao espaço vivido, as experiências e as estratégias de apropriação do território comum, as experiências cotidianas, a valorização da luta, a representatividade da conquista da terra e as práticas culturais. São as relações imateriais desses sujeitos com o território, expressões de um conteúdo cultural próprio, um modo de vida divergente, com pontos de encontro que os permite territorializar os espaços comunitários, pautado nas relações de solidariedade, nos laços de compadrio, nos saberes perpassados de geração em geração, nas práticas do fazer, nos princípios da reciprocidade como, por exemplo, a troca de dias e, ainda, nas manifestações culturais expressas nas celebrações e festejos.

Enquanto espaços coletivos a Escola João Eduardo Pereira, a sede da Associação PA Dois de Junho e a sede Igreja católica foram fundamentais nesse processo, a primeira deu legitimidade à luta dos assentados, contribuindo para a permanência desses trabalhadores na terra de vida e de trabalho, a segunda evidenciou as necessidades de união e fortalecimento das ações coletivas dos assentados e, a última, representou os laços singulares da cultura e da identidade local, um espaço do sagrado, com a realização dos rituais católicos, missas, novenas, batizados, casamentos e leilões.

Assim, o processo histórico de luta pela terra e permanência no assentamento, as formas de vida e trabalho, a comercialização dos produtos do PA na feira da cidade de Olhos D'Água, a criação e o funcionamento da Associação de moradores e as festas em homenagem a Nossa Senhora Aparecida e em comemoração ao aniversário do assentamento, consolidam-se como territorialidades em suas múltiplas dimensões política, cultural e econômica em um processo dinâmico e contínuo, construído no espaço/tempo do PA Dois de Junho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. Diáspora: viver entre-territórios e entre-culturas. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 175-195.
- BRANDÃO, C. R. **A Partilha da Vida**. São Paulo: Cabral, 1995.
- BRANDÃO, C. R. **O Afeto da Terra**: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sítiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.
- CARVALHO, H. M. **Formas de associativismo vivenciadas pelos trabalhadores rurais nas áreas oficiais de reforma agrária no Brasil**. Curitiba, 1998. Disponível em: http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Agronegocios/Formas_associativismo_vivenciadas_pelos_trabalhadores_rurais.pdf. Acesso em: Jun. 2019.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed da UFSC, 2001.
- CPT. Comissão Pastoral da Terra. Documentação Dom Tomás Balduino. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/>. Acesso em: Jul. 2018.
- EMATER. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. Informações obtidas no escritório local do município de Olhos D'Água MG, 2019.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 169 -190.
- HAESBAERT, R. Da Desterritorialização a Multiterritorialidades. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, X. 2005. São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura, v., 28, 2014. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2014_v29.pdf. Acesso em: Mai. 2019.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/10515-ibge-divulga-nova-divisao-territorial-com-foco-nas-articulacoes-regionais>. Acesso em: Mai. 2019.
- INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Assentamentos. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/assentamento>. Acesso em: Mai. 2019.

LEITE, S. et al. **Impactos dos assentamentos**: um estudo sobre o meio rural brasileiro. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MOTTA SANTOS, M. V. “**A Constituição Simbólica da Troca de Alimentos e Trabalho numa Fazenda Tradicional de Goiás**”. 1986. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 1986.

PAULILO, M. I. S. O Peso do Trabalho Leve. **Revista Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PEDROSA, R. A. A importância dos quintais produtivos na economia familiar. Seminário de Agroecologia da América do Sul, 2., 2016. **Anais... Agroecologia**, Dourado, MS, 2016. Disponível em: <https://www.cpa0.embrapa.br/cds/agroecol2016/PDF's/Minicurso.Oficinas/Minicurso-%20Rosangela%20Pedrosa-%20QUINTAIS%20PRODUTIVOS.pdf>. Acesso em: Mar. 2019.

Plano de Desenvolvimento do Assentamento Dois de Junho. PDA. Montes Claros: INCRA, 2007.

Prefeitura Municipal de Olhos D'Água. Disponível em: <http://www.olhosdagua.mg.gov.br/>. Acesso em: Mar. 2018.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática: 2011.

ROSENDAHAL, Zeny. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013.

WOORTMANN, E. WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**. A lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora UnB, 1997.

WOORTMANN, K. **Com parente não se negocia**: o campesinato como ordem moral. In: Anuário Antropológico/87. Brasília: EDUNB; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.